



1290003872

TCC/UNICAMP
R71a
1290003872/FE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Livia Lopes Rosa

**AUTO-EFICÁCIA NO CONTEXTO ESCOLAR E NA ÁREA DA SAÚDE: UMA
ANÁLISE DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS NACIONAIS**

CAMPINAS

2008

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Livia Lopes Rosa

**AUTO-EFICÁCIA NO CONTEXTO ESCOLAR E NA ÁREA DA SAÚDE: UMA
ANÁLISE DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS NACIONAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para a conclusão do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UNICAMP, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Evely Boruchovitch.

CAMPINAS

2008

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CAMPUS DE JARDIM EXTENSIVO

UNIDADE	FE
Nº CHAMADA:	ICC/UNICAMP
	R71a
V:	EX:
TOMBO:	3872
PROC.:	148/09
C:	D: X
PREÇO:	11,00
DATA:	02/04/09
Nº CPD:	

cod tit 437179

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Rosa, Livia Lopes
R71a Auto - eficácia no contexto escolar e na área da saúde: uma análise das produções científicas nacionais / Livia Lopes Rosa. — Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Orientador : Evely Boruchovitch.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1.Auto-eficácia. 2. Contexto escolar. 3. Saúde. I. Boruchovitch, Evely II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

08-542-BFE

A Deus e a todos que estiveram presentes durante a realização deste trabalho, especialmente à minha mãe, Maria Lúcia, pela fé, incentivo e apoio.

RESUMO

A auto-eficácia é um constructo criado por Albert Bandura com o objetivo de compreender melhor o comportamento humano, em relação às crenças e expectativas que as pessoas têm de si mesmas. É um julgamento sobre a própria capacidade de obter um certo desempenho ou resultado em uma determinada tarefa. No contexto escolar, ela tem sido compreendida como a crença na própria capacidade de provocar um efeito produtivo e relevante, não apenas na quantidade, mas também na qualidade do envolvimento e aprendizagem, permitindo, assim, que professores e alunos tomem consciência de suas próprias capacidades, melhorando, também, o relacionamento entre eles. A investigação da auto-eficácia na área da saúde é também de grande importância para compreender como são formadas as crenças de uma pessoa a respeito da sua capacidade em atuar com êxito nas situações cotidianas da vida, como, por exemplo, frente a algum evento estressante e, até mesmo, durante o envelhecimento. Tendo em vista a importância do estudo da auto-eficácia, o presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo identificar os trabalhos nacionais que discutem este mesmo tema, verificando como a auto-eficácia tem aparecido no contexto escolar e na área da saúde; quais as variáveis associadas a este constructo e como tem sido mensurado. O material utilizado para este levantamento foi encontrado em livros e nos principais periódicos de Educação e Psicologia, publicados no período de 1996 a 2008. Os periódicos pesquisados são publicações das principais universidades do país e de associações nacionais de Psicologia. Foram encontrados somente quinze trabalhos (classificados como estudos teóricos ou pesquisas quantitativas), sendo oito relacionados ao contexto escolar e sete à área da saúde, constatando-se, assim, a carência de estudos nacionais a respeito das crenças de auto-eficácia. Os resultados indicam que essas crenças fazem parte dos fatores que compõem os mecanismos psicológicos da motivação do aluno e devem ser constantemente estimuladas pelo professor. Baixos sentidos de auto-eficácia estão relacionados a elevados níveis de ansiedade e podem limitar não apenas as escolhas profissionais como os esforços despendidos nas disciplinas. Na área da saúde, os resultados das pesquisas mostram que os idosos parecem possuir um senso de auto-eficácia mais baixo do que os jovens, associando-se, assim, baixas crenças de auto-eficácia com maiores riscos para a depressão. Da mesma forma, o nível de auto-eficácia está relacionado à adesão ao tratamento anti-retroviral; a memória prospectiva; e a dificuldade de comunicação e interação social de pessoas com autismo. Palavras-chave: Auto-eficácia, Contexto escolar, Saúde.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1. OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS INVESTIGATIVOS.....	14
2. AUTO-EFICÁCIA NO CONTEXTO ESCOLAR.....	18
2.1. Estudos Teóricos.....	18
2.2. Relato de Pesquisas e Análise das Variáveis Associadas.....	27
3. AUTO-EFICÁCIA NA ÁREA DA SAÚDE.....	33
3.1. Estudos Teóricos.....	33
3.2. Relato de Pesquisas e Análise das Variáveis Associadas.....	35
4. A MENSURAÇÃO DA AUTO-EFICÁCIA.....	46
5. PRINCIPAIS RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	58
ANEXOS	62

INTRODUÇÃO

A auto-eficácia é um constructo criado por Albert Bandura com o objetivo de melhor compreender o comportamento humano, no que diz respeito às crenças e expectativas que as pessoas têm de si mesmas. Em outras palavras, a auto-eficácia é um julgamento sobre a própria capacidade de obter um certo desempenho ou resultado em uma determinada tarefa (Bandura, 2008). A Teoria da Auto-eficácia está inserida na Teoria Social Cognitiva (Bandura, 2008). Por essa razão, Azzi e Polydoro (2007) sugerem uma análise conjunta dessas duas teorias, para que possamos entender, de forma mais completa, essa linha de pensamento.

Albert Bandura nasceu em Mundare, uma pequena cidade canadense, em 1925. Ele é formado em Psicologia pela Universidade da Colúmbia Inglesa e, em 1952, recebeu o título de doutor pela Universidade do Estado de Iowa. Durante seu doutorado, sofreu grandes influências da teoria Behaviorista, desenvolvida por Skinner. Em 1953, Bandura começou a lecionar na Universidade de Stanford, onde trabalha até os dias de hoje.

Em 1963, Bandura, juntamente com o seu primeiro doutorando, Richard Walters, complementou a teoria da aprendizagem social, inicialmente proposta por Neal Miller e John Dollard em 1941. Na sua versão, Bandura afirma que nem toda aprendizagem ocorre como resultado do reforçamento direto de respostas. Ele acredita que a aprendizagem também aconteça por meio da modelagem, ou seja, através da observação de outras pessoas, o que possibilita o estabelecimento de padrões de comportamento. Essa nova proposta surgiu a partir de um de seus estudos, no qual submetia crianças a observarem uma mulher bater em um boneco de plástico inflável, tipo "João-bobo". Com este experimento, Bandura observou que muitas crianças,

quando foram brincar com o boneco, fizeram exatamente o que viram a mulher fazer, ou seja, mudaram de comportamento sem que tivessem sido recompensadas, fato que se distancia do padrão de aprendizagem proposto pelo Behaviorismo.

Vale ressaltar que Bandura (2008) reconhece a importância do condicionamento de Skinner, mas critica as pesquisas individualizadas e realizadas com animais, pois são raros os casos de isolamento social e, diferentemente dos animais, seres humanos são racionais e possuem sentimentos. Tendo em vista que, se os indivíduos são capazes de controlar os modelos de uma sociedade (lembrando da experiência do “João-bobo”), também podem controlar o próprio comportamento. O próximo passo de Bandura foi aprofundar sua pesquisa sobre o desenvolvimento e o exercício da agência pessoal, elaborando novos métodos de tratamento, utilizando as experiências de domínio como principal meio de mudança.

A agência pessoal diz respeito aos mecanismos auto-reguladores pelos quais as pessoas passam a exercer controle sobre a própria motivação, estilos de pensamento e, até mesmo, sobre a vida emocional (Bandura, 2008). Em outras palavras, o exercício da agência pessoal é saber utilizar algum evento fortuito (acaso) a seu próprio benefício, ou seja, ao seu próprio agenciamento. Dessa forma, mediante o domínio orientado, era possível criar competências, estilos de enfrentamento e, também, crenças pessoais para que os indivíduos pudessem controlar as ameaças que percebiam. O domínio orientado permite o teste da realidade de duas formas: mostrando que aquilo que se teme é seguro e que é possível controlá-lo. Este tratamento produziu um forte senso de eficácia de enfrentamento, eliminando sensações negativas como a ansiedade, o estresse e o comportamento fóbico.

Na década de 1960, as terapias direcionadas para a ação, como o domínio orientado, substituíram as entrevistas interpretativas. Somente depois de comprovar o poder desse tratamento para promover mudanças psicossociais, o alcance das mudanças realizadas e, também, a sua durabilidade e manutenção, Bandura se dedicou a uma nova função para esta terapia, que diz respeito ao poder deste exercício da agência pessoal em criar resiliência em experiências diversas.

Contudo, foi na década de 1970 que Bandura percebeu que ainda faltava um elemento fundamental, não apenas nas teorias que predominavam na época, mas também na sua própria teoria da aprendizagem social. Em 1977, ele publicou o artigo *Self-efficacy: toward a unifying theory of behavioral change*, no qual defende a teoria de que os indivíduos criam e desenvolvem percepções pessoais sobre si mesmos e que elas se tornam importantes ferramentas para que possam cumprir com os seus objetivos e controlar o ambiente no qual estão inseridos.

Em 1986, Bandura mudou o título de sua teoria, de aprendizagem social para *social cognitiva*, promovendo a idéia de que os processos cognitivos, vicários, auto-reguladores e auto-reflexivos exerciam uma importante influência na adaptação e mudança humanas. Com essa alteração, Bandura pode diferenciar a sua teoria da teoria da aprendizagem social.

Na Teoria Social Cognitiva, Bandura afirma que os indivíduos não são organismos moldados e orientados por forças ambientais ou, até mesmo, movidos por impulsos interiores encobertos. Eles são seres auto-organizados, proativos, auto-reflexivos e auto-regulados. Em outras palavras, a ação humana, assim como o pensamento humano, de uma forma geral, são resultado de uma relação dinâmica entre influências pessoais, comportamentais e ambientais. Dessa forma, a interpretação

que as pessoas fazem de seus próprios comportamentos altera o ambiente em que vivem, além de também provocarem uma mudança nos seus fatores pessoais. Conseqüentemente, essas mudanças produzirão uma alteração no comportamento futuro desses indivíduos.

Esses julgamentos que as pessoas fazem sobre as suas próprias capacidades são as crenças de auto-eficácia. São elas as responsáveis por elaborar uma base para a motivação humana, o bem-estar e, também, as realizações pessoais, pois os seres humanos possuem uma grande necessidade em acreditar que as suas ações podem provocar resultados positivos para que, realmente, tenham o incentivo necessário para agirem ou, simplesmente, perseverarem diante das dificuldades.

As crenças de auto-eficácia fazem parte dos fatores que compõem os mecanismos psicológicos da motivação do indivíduo, ou seja, são convicções pessoais quanto a dar conta de uma determinada tarefa, em um grau de qualidade definido. É uma avaliação pessoal quanto à própria inteligência, habilidade, conhecimento, entre outros aspectos, representados pelo termo "capacidade".

Vale ressaltar que não é uma questão de possuir ou não tais capacidades, uma vez que não basta que estejam presentes, e sim, se trata da pessoa acreditar que as possui. Dessa forma, os julgamentos de auto-eficácia de um indivíduo determinam seu nível de motivação. Em outras palavras, é em função desses julgamentos que a pessoa tem um incentivo para agir e imprimir uma determinada direção para as suas ações, pelo fato de antecipar mentalmente o que pode realizar para obter os resultados desejados. Assim sendo, a auto-eficácia influencia na escolha de atividades, na motivação, na quantidade de esforço a ser investido, além de promover ou inibir o nível de desempenho do sujeito. Ela também influencia o processo de construção de

cenários antecipatórios e o comportamento do indivíduo em direção à resolução do problema (Boruchovitch, 1994). No âmbito educacional, ela auxilia professores e alunos a caminharem, juntos, em direção ao sucesso escolar, uma vez que ela tem sido compreendida como a crença na própria capacidade de provocar um efeito produtivo e relevante, não apenas na quantidade, mas também na qualidade do envolvimento e aprendizagem dos alunos.

Pesquisas e estudos sobre este tema procuram entender melhor a produção deste constructo, assim como as variáveis que estão diretamente envolvidas na sua construção e fortalecimento (Azzi, Polydoro e Bzuneck, 2007). As variáveis psicológicas exercem grande influência na motivação para a aprendizagem do aluno e no seu desempenho escolar. Elas são muito importantes, pois influenciam nas expectativas futuras de sucesso do aluno, que, por sua vez, exercem um impacto no pensamento do indivíduo e no seu curso de ação. Dessa forma, até mesmo pessoas muito habilidosas e com grande senso de auto-eficácia podem, simplesmente, optar por não se comportarem de acordo com as suas crenças e habilidades por falta de incentivo (Pajares e Olaz, 2008).

Em relação à origem, as crenças de auto-eficácia surgem a partir de alguns fatores, que podem atuar de forma independente ou combinada, como, por exemplo, as experiências de êxito (também conhecidas como de domínio), as experiências vicárias, a persuasão verbal (ou persuasão social) e, também, indicadores fisiológicos e emocionais.

De acordo com Bandura (2008) as experiências de êxito são a fonte mais importante, pois, conforme os indivíduos realizam as atividades, eles interpretam os resultados das suas ações e, essa interpretação é, então, utilizada para desenvolver

crenças sobre a sua capacidade em solucionar problemas. Resultados interpretados como positivos aumentam a auto-eficácia das pessoas, da mesma forma como os resultados considerados negativos, a reduzem. De modo similar, uma persuasão verbal positiva pode encorajar e empoderar o indivíduo, ao passo que uma negativa pode frustrá-lo e enfraquecê-lo.

As experiências vicárias são aquelas obtidas através da observação do comportamento de outras pessoas. Quando o indivíduo observa o sucesso de outro, acredita que também poderá ser bem sucedido naquela determinada tarefa.

Os indicadores fisiológicos, por sua vez, como a ansiedade, o estresse e os estados de humor, também podem influenciar nas crenças de auto-eficácia. Pensamentos negativos e temores em relação a suas próprias capacidades podem prejudicar o seu senso de auto-eficácia, provocando mais estresse, ansiedade e agitação.

Pode-se dizer que todos os fatores anteriormente mencionados realmente influenciam nas crenças de auto-eficácia. Entretanto, não possuem um efeito automático, já que as pessoas ponderam suas próprias aptidões percebidas, assim como as suas experiências passadas (entre outros componentes da ação), para que, somente então, possa ocorrer o julgamento (positivo ou negativo) de suas próprias capacidades de controlar a situação (Bzuneck, 2001).

A auto-eficácia influencia o *comportamento* através de quatro processos: a cognição; a motivação; o afeto; e a seleção. No processo cognitivo, a auto-eficácia atua modificando regras de pensamento, permitindo que pessoas com alto senso de auto-eficácia sejam capazes de visualizarem a si mesmas executando tarefas com habilidade e bons resultados. No processo motivacional, quanto maior o senso de auto-

eficácia, maior será a persistência e o esforço despendido nas tarefas, assim como o envolvimento com metas e objetivos mais elevados.

O processo afetivo também é influenciado pela auto-eficácia, pois ele é o responsável pela quantidade de estresse e ansiedade que o sujeito vai provar diante de determinadas atividades. Em relação ao último processo, a auto-eficácia influencia no processo de seleção, uma vez que as pessoas tendem a evitar tarefas e situações que julgam exceder suas capacidades (Medeiros et al., 2000).

Assim, estudar as crenças de auto-eficácia no contexto educacional pode ser de grande importância para a elaboração de medidas de intervenção no fracasso escolar. Além disso, tendo em vista que a ação docente é constantemente marcada por situações que exercem grande influência na construção da confiança e da autonomia do aluno (Azzi, Polydoro e Bzuneck, 2007), compreender o desenvolvimento desse constructo pode auxiliar em um ensino-aprendizagem de qualidade, uma vez que professores e alunos podem tomar consciência de suas próprias capacidades, melhorando, também, o relacionamento entre eles.

É igualmente relevante analisar as crenças de auto-eficácia na área da saúde, pois pode contribuir expressivamente para o esclarecimento de processos de adesão a tratamentos medicamentosos, a investimentos no próprio bem-estar (especialmente durante o envelhecimento) e ao envolvimento no exercício do agenciamento pessoal (Neri, 2007).

Tendo em vista a importância do estudo da auto-eficácia, neste trabalho desenvolver-se-á um levantamento bibliográfico dos estudos nacionais sobre o tema no contexto escolar e na área da saúde. Também serão destacadas as variáveis

associadas à auto-eficácia, assim como uma breve análise das relações encontradas entre elas.

O material que utilizado para esta investigação foi encontrado em livros e nos principais periódicos de Educação e Psicologia. Os periódicos pesquisados são publicações das principais Universidades do país e de Associações Nacionais de Psicologia. Vale ressaltar que o escopo da pesquisa foi delimitado para o período de 1996 a 2008.

Este trabalho também pretende averiguar como a auto-eficácia tem sido mensurada e se, durante esse período, houve a construção de instrumentos nacionais para medi-la.

1. OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS INVESTIGATIVOS

O principal objetivo deste trabalho de conclusão de curso é analisar o avanço do conhecimento da variável “auto-eficácia”, no contexto escolar e na área da saúde, uma vez que o estudo de tal constructo pode ser de grande utilidade para o planejamento de procedimentos de intervenção no fracasso escolar e no envelhecimento de melhor qualidade.

Além disso, este levantamento também pode auxiliar na identificação de caminhos de ação, que podem conduzir ao desenvolvimento de cenários educativos muito mais capazes em relação à promoção da aprendizagem, aprimorando, também, o relacionamento dos professores com os seus alunos. Na área da saúde, esta pesquisa pode contribuir para a promoção de iniciativas que visem a melhora da qualidade de vida das pessoas, especialmente dos idosos.

A partir disso, os objetivos específicos desta pesquisa são:

- Investigar como o tema auto-eficácia aparece no contexto escolar e na área da saúde;
- Analisar a auto-eficácia em relação às outras variáveis a ela associadas, tais como motivação, autoconceito, desempenho acadêmico, valores, crenças, aspectos comportamentais, estresse, estratégias de enfrentamento, sintomas depressivos, memória, envelhecimento e agência pessoal;
- Fazer um levantamento dos instrumentos que medem a auto-eficácia construídos nacionalmente, utilizados não apenas no contexto escolar, mas também na área da saúde.

Para cumprir com os objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, que se trata, essencialmente, de uma coleta de materiais que devem ser submetidos a uma triagem, para que, então, seja possível estabelecer um plano de leitura. Além disso, essa leitura deve ser atenta e sistemática, acompanhada por anotações e fichamentos, que, eventualmente, poderão servir à fundamentação teórica do trabalho.

Durante a fase preparatória da pesquisa - fase que consiste no estudo dos aspectos gerais do assunto escolhido, assim como na delimitação quanto a períodos e idiomas a serem pesquisados - optou-se por focar na análise dos trabalhos produzidos, nacionalmente, nos últimos doze anos (de 1996 a 2008). Foram analisados, exclusivamente, trabalhos encontrados em livros e nas principais revistas científicas de Educação e Psicologia. Dessa maneira, esta pesquisa não inclui em seu levantamento teses de mestrado e doutorado e artigos publicados em Anais de congressos.

Em relação aos periódicos pesquisados, estes são publicações das principais Universidades do país e de Associações Nacionais de Psicologia, como o Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica (*Avaliação Psicológica*), a Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (*Psicologia Escolar e Educacional*) e a Sociedade Interamericana de Psicologia (*Revista Interamericana de Psicologia*).

Quanto aos periódicos das principais Universidades foram pesquisados: *Psicologia: Teoria e Pesquisa* e *Linhas Críticas* (ambos da Universidade de Brasília), *Psicologia: Reflexão e Crítica* (da Universidade Federal do Rio Grande do Sul), *Estudos de Psicologia (Natal)* (da Universidade Federal do Rio Grande do Norte), *Interação em Psicologia* (da Universidade Federal do Paraná), *Arquivos Brasileiros de Psicologia* (da

Universidade Federal do Rio de Janeiro), *Interações – Estudos e Pesquisas em Psicologia* e *Estudos e Pesquisas em Psicologia* (ambos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro), *Psicologia em Estudo* (da Universidade Estadual de Maringá), *Revista de Psicologia Social e Institucional* (da Universidade Estadual de Londrina), *Psico – USF* (da Universidade São Francisco) *Estudos de Psicologia (Campinas)* (da Pontifícia Universidade Católica de Campinas) e *Psicologia da Educação* (da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

Com este trabalho foram analisadas as produções científicas no contexto escolar, e também os estudos teóricos e relatos de pesquisas da área da saúde. Esta segunda área do conhecimento foi acrescentada, aumentando o escopo da pesquisa, não apenas por se tratar de uma temática muito abrangente, mas também por ter me surpreendido com a quantidade de trabalhos encontrados durante o levantamento bibliográfico realizado previamente. Além disso, investigar a auto-eficácia na área da saúde é de grande importância para compreender como são formadas as crenças de uma pessoa a respeito da sua capacidade em atuar com êxito nas situações cotidianas da vida, como, por exemplo, frente a algum evento estressante e, até mesmo, durante o envelhecimento.

Vale ressaltar que utilizou-se como critério para o levantamento bibliográfico o trabalho ter a palavra “auto-eficácia” no título, acreditando ser esta a melhor forma para encontrar pesquisas diretamente interessadas neste constructo.

Os trabalhos analisados passaram por uma triagem, pela qual foram organizados em diferentes grupos. Primeiramente foram classificados de acordo com a sua área de conhecimento (educacional ou da saúde). Em seguida, foram classificados de acordo com a sua forma, separando, então, estudos teóricos ou relatos de pesquisas. Tanto

estudos teóricos quanto relatos de pesquisas passaram por uma análise, à luz das seguintes categorias: como a auto-eficácia tem sido mensurada; se houve a construção de instrumentos nacionais para medi-la; e quais as principais variáveis associadas a ela (tais como autoconceito, motivação, desempenho acadêmico, valores, crenças, aspectos comportamentais, estresse, estratégias de enfrentamento, sintomas depressivos, memória, envelhecimento, agência pessoal, entre outras).

Os dados foram apresentados em tabelas, nas quais o leitor poderá encontrar o ano em que a pesquisa foi realizada, o número de participantes, a faixa etária dos mesmos, os instrumentos utilizados para mensurar a auto-eficácia e as variáveis psicológicas associadas a ela, encontradas no material analisado.

2. AUTO-EFICÁCIA NO CONTEXTO ESCOLAR

2.1. Estudos Teóricos

Retomando ao tema principal desta pesquisa, o livro *Auto-eficácia em diferentes contextos*, organizado por Azzi e Polydoro (2007), tem como objetivo reunir uma série de textos sobre essa temática, oferecendo informações e diferentes discussões sobre esse constructo. Trata-se de uma coletânea de textos independentes, porém articulados. As autoras ressaltam que apesar da variedade de contextos abordados, a amplitude do tema não se esgota.

O capítulo *A auto-eficácia e a motivação para aprender: considerações para o desempenho escolar dos alunos*, Costa e Boruchovitch (2007), objetivaram revelar a importância da auto-eficácia em relação à motivação para a aprendizagem, assim como para o desempenho escolar de qualidade. Além disso, um dos principais interesses dos pesquisadores da área da Psicologia Educacional é investigar a motivação escolar, na sua relação com variáveis psicológicas, como o autoconceito, a auto-eficácia, as crenças pessoais, dentre outras.

As autoras afirmam que todos os estudos indicam que o termo motivação pode ser compreendido dentro de uma concepção semelhante a motivo, ou seja, é a variável responsável pelo ato de iniciar e manter alguns comportamentos. Podemos citar como exemplos de aspectos motivacionais, no contexto escolar, o fato de um aluno estudar para garantir uma boa nota na prova, esforçar-se para aprender conteúdos que não tem interesse, dentre outros. Nesse sentido, é possível entender a motivação como uma meta, ou seja, um propósito. Este propósito, por sua vez, é responsável por direcionar o comportamento humano, até mesmo em relação às escolhas e a persistência da pessoa. Entretanto, as autoras ressaltam que o fato de um indivíduo definir uma meta e,

a partir dela, escolher uma atividade, não significa que ele obterá, necessariamente, um desempenho eficiente e uma postura de persistência em face dos obstáculos.

As autoras também revelam que pesquisas realizadas nas últimas décadas mostram que a motivação, e especialmente a falta dela, realmente interfere no desempenho escolar dos alunos. Em outras palavras, aluno desmotivado não aprende e não desenvolve ao máximo a sua capacidade. Além disso, a falta de motivação acarreta numa queda da qualidade de desempenho escolar.

Levando em consideração que a auto-eficácia refere-se às crenças das pessoas quanto as suas capacidades, Costa e Boruchovitch (2007) ressaltam que elas possuem uma função reguladora sobre o comportamento, mediando cognição, emoção e motivação.

No capítulo *Crenças de auto-eficácia matemática*, de Souza (2007), mostra-se que a concepção de que a capacidade intelectual é causa exclusiva do sucesso ou insucesso na escola tem sido bastante questionada, pois diversos fatores podem influenciar no desempenho escolar. Entre os fatores relacionados ao aluno, seu desempenho acadêmico está diretamente associado a aspectos motivacionais e afetivos. Nesse sentido, as pesquisas de Bandura têm sido de grande auxílio para compreender muitos aspectos do funcionamento cognitivo. Há, inclusive, evidências de que a auto-eficácia influencie a auto-regulação da aprendizagem.

Como as crenças de auto-eficácia podem variar severamente em cada disciplina escolar, a autora propõe a discussão desse constructo em relação à aprendizagem matemática, principalmente, porque pesquisas mostram que crenças de auto-eficácia em matemática são muito menos positivas e adaptativas do que as crenças nas outras disciplinas. Segundo a autora, freqüentemente, a matemática é considerada uma

disciplina abstrata, desvinculada das experiências cotidianas, difícil de aprender e somente acessível por uma minoria. Além disso, quando um aluno não se julga capaz de ter um bom desempenho em matemática, ele pode acabar limitando as suas escolhas profissionais e, também, seus esforços na disciplina.

Em relação à solução de problemas, a autora analisa uma série de pesquisas que mostram a importância da auto-eficácia como mediadora na resolução dos mesmos, pois ela determina a quantidade de tempo e de esforço que serão aplicados na tarefa. A persistência pode levar a uma grande quantidade de estratégias até que a resolução seja encontrada. Entretanto, a autora lembra que a auto-eficácia não possui um efeito direto no desempenho acadêmico, pois não atua isoladamente.

Outro aspecto levantado pela autora é que alunos que possuem baixas crenças de auto-eficácia possuem elevados níveis de ansiedade, fato que influencia negativamente o desempenho escolar. Essa ansiedade surge, principalmente, por conta de uma pressão imposta aos alunos para que obtenham um bom desempenho acadêmico. Mesmo podendo ocorrer em qualquer disciplina, há um quadro específico de ansiedade matemática.

A autora reforça que os estudos de Bandura mostram a auto-eficácia como uma mediadora entre a ansiedade e as experiências com a disciplina matemática. Sendo assim, as propostas de intervenções devem pensar na promoção da auto-eficácia para diminuir a ansiedade, como, por exemplo, favorecer a utilização de informações autocomparativas, ou seja, comparar o desempenho atual do aluno com seus desempenhos anteriores. Além disso, deve haver também propostas de mudança de atitude dos alunos que não acreditam ser capazes de obter um bom desempenho.

Como já foi dito anteriormente, as crenças de auto-eficácia influenciam nas escolhas profissionais. No caso da matemática, baixas crenças de auto-eficácia nessa disciplina diminuem o interesse por carreiras das áreas científicas e tecnológicas. O fato de haver mais homens do que mulheres nessas áreas não significa que eles possuem melhores habilidades, mas pode indicar que as mulheres não possuem uma crença de auto-eficácia tão elevada quanto a dos homens. A autora acrescenta que por causa da falta de mulheres na área, há uma falta de modelos para inspirarem e encorajarem outras a entrarem no ramo. A idéia de que as áreas científicas e tecnológicas são masculinas também influenciam negativamente as crenças de auto-eficácia matemática das mulheres.

No capítulo *Considerações sobre a auto-eficácia docente*, Azzi, Polydoro e Bzuneck (2007) procuram discutir algumas considerações sobre a auto-eficácia docente. Mais precisamente, os autores fazem uma análise sobre o domínio das crenças de auto-eficácia, uma vez que os valores e crenças docentes exercem um importante papel na ação do professor.

Os autores enfatizam que a ação docente é muito marcada por diversas situações que influenciam na construção da confiança e da autonomia do aluno, enquanto um aprendiz que se desenvolve. Em outras palavras, o conhecimento das crenças docentes, assim como as suas relações com o próprio professor, podem provocar efeitos positivos e duradouros no processo ensino-aprendizagem, fato que beneficia não somente os alunos, mas também os próprios.

No campo educacional, a auto-eficácia tem sido compreendida como a crença na própria capacidade de provocar um efeito produtivo e relevante, não apenas na quantidade, mas também na qualidade do envolvimento e da aprendizagem dos alunos.

Entre as crenças docentes, os autores citam as epistemológicas, que dizem respeito à natureza do conhecimento; as das causas que explicam as realizações dos professores, assim como as de seus alunos; as de percepções sobre si mesmos; e as que se referem à própria capacidade do docente para ensinar e promover a aprendizagem. Esta última crença trata-se, justamente, da auto-eficácia.

Os autores reforçam a importância das pesquisas e estudos sobre este tema que procuram entender melhor a produção deste constructo. Da mesma forma, a investigação das variáveis psicológicas que estão diretamente envolvidas na construção e fortalecimento das crenças de auto-eficácia também são muito importantes, pois, com os resultados, é possível identificar caminhos de ação que podem levar ao desenvolvimento de cenários educativos muito mais promotores de aprendizagem.

Assim como na construção da auto-eficácia nas crianças, Azzi, Polydoro e Bzuneck (2007) também afirmam que as crenças de auto-eficácia do professor também são influenciadas pelas experiências diretas; pelas experiências vicárias; pela persuasão social; e pelo estado físico e emocional do docente. Entretanto, os autores ressaltam que essas fontes de influência não exercem um impacto direto sobre a crença. As informações são, em um primeiro momento, interpretadas para, depois, serem somadas às outras informações.

Ainda de acordo com esses autores, diversos estudos têm confirmado a associação das crenças de auto-eficácia dos professores com resultados educacionais expressivos. Dessa forma, podemos dizer que a auto-eficácia docente pode ser considerada como um bom preditor de sucesso acadêmico dos alunos. Além disso, o bom desempenho dos alunos informa aos professores que eles podem acreditar na

Bzuneck (2004) também destaca a diferenciação entre duas formas de expectativas propostas por Bandura: a primeira denominada *expectativa de resultados*, através da qual são esperadas conseqüências satisfatórias da própria ação; e a segunda, *expectativa de eficácia*, que diz respeito à crença da pessoa em sua capacidade de implementar os cursos de ação necessários para obter os resultados que ela considera satisfatórios. Em outras palavras, uma pessoa pode acreditar que suas ações conduzam à bons resultados, mas, ao mesmo tempo, duvidar da sua capacidade de implementar os meios pertinentes para chegar a tais resultados. No caso dos professores, um docente pode acreditar que, em geral, os professores conseguem atingir as metas com seus alunos, mesmo que não acreditem em suas próprias capacidades para fazer o mesmo.

Na prática, as crenças de eficácia dos professores influenciam no estabelecimento de metas para si mesmo; no grau de esforço a investir em determinada tarefa; na persistência para realizá-la; e na forma como a pessoa reagirá diante dos eventuais fracassos. Além disso, o estudo de Bzuneck (2004) indica que altas crenças de eficácia do professor estão relacionadas com um melhor desempenho, assim como numa incrementação das crenças de auto-eficácia dos alunos, e a adoção, por parte dos professores, de estratégias mais adequadas para lidar com estes sujeitos.

Baixas crenças de auto-eficácia podem levar os professores a evitarem realizar e, até mesmo, planejarem tarefas que considerem acima de suas capacidades; terem menos persistência para lidar com alunos com dificuldade de aprendizagem; e serem menos dispostos à inovações. Bzuneck (2004) ressalta que as crenças de eficácia dos professores é uma das poucas características pessoais que, de fato, podem influenciar o desempenho dos alunos.

Em relação às origens das crenças de eficácia dos professores, o autor relembra das quatro já citadas neste capítulo - Souza (2007) e Azzi, Polydoro e Bzuneck (2007) – que são as experiências de êxito; as experiências vicárias; a persuasão verbal; e o estado fisiológico da pessoa. Entretanto, no campo educacional, o autor afirma que há outros fatores mais específicos e muito mais influentes nas crenças de eficácia docente, como o comportamento dos alunos, e as suas realizações; as séries escolares e a época da vida em que os professores começam a lecionar; o tempo de exercício do magistério; e, também, a idade cronológica em que os professores começam a lecionar.

Bzuneck (2004) conclui seu trabalho ressaltando o caráter coletivo das crenças de auto-eficácia dos professores, pelo fato de trabalharem juntos, enfrentarem os mesmos problemas, buscarem os mesmos objetivos e sofrerem com as mesmas limitações e obstáculos. Uma vez que uma baixa crença de eficácia estiver instalada em uma determinada instituição de ensino, o nível de metas a serem alcançadas pelo corpo docente cairá bruscamente. Essa queda provocará a diminuição das aspirações de todo o grupo, assim como a quantidade de esforço aplicado aos alunos, que, por sua vez, não serão cobrados o quanto poderiam. Para que isso não aconteça, a cooperação entre os professores é necessária, assim como o apoio de seus supervisores; os conselhos dos professores mais experientes; o feedback de outros professores; e a existência de um projeto político pedagógico com metas definidas e com uma ideologia de melhora constante. Bzuneck (2004) lembra que a colaboração entre os professores deve ser sincera, profunda, permanente e rica de mensagens positivas. Caso contrário, uma sensação de impotência pode se alastrar pelo corpo docente da instituição, prejudicando, assim, o desempenho acadêmico dos seus alunos.

Em uma outra pesquisa, Bzuneck (2001) afirma que as crenças de auto-eficácia fazem parte dos fatores que compõem os mecanismos psicológicos da motivação do aluno. De acordo com o autor, essas crenças pertencem à classe de expectativas, pois se tratam de convicções pessoais quanto a dar conta de uma determinada tarefa, e num grau de qualidade definido. Em outras palavras, é uma avaliação pessoal quanto à própria inteligência, habilidade, conhecimentos, entre outros fatores, representados pelo termo "capacidade". A respeito disso, o autor ressalta que não é uma questão de possuir ou não tais capacidades, pois não basta que estejam presentes. É necessário que a pessoa acredite que as possua.

Outra questão abordada pelo autor é a importância de saber diferenciar auto-eficácia e autoconceito. Para isso, Bzuneck (2001) utiliza a disciplina matemática como exemplo. Ele afirma que um aluno pode revelar autoconceito positivo em relação a essa área do conhecimento, mas, frente a algum novo problema, poderá julgar-se incapaz de resolvê-lo, ou seja, não terá crença de auto-eficácia no grau desejado. Dessa forma, é possível entender que auto-eficácia e autoconceito são termos diferentes, mas não antagônicos, pois se complementam para a motivação. A auto-eficácia refere-se a situações mais específicas. Ela faz parte do autoconceito, uma vez que, sem autoconceito positivo não haverá esforço e, portanto, não haverá julgamento de auto-eficácia.

De acordo com o autor, são os julgamentos de auto-eficácia de uma pessoa que determinam seu nível de motivação, ou seja, é em função desses julgamentos que a pessoa tem um incentivo para agir. Além disso, ela também imprime uma determinada direção às suas ações, pelo fato de antecipar mentalmente o que pode realizar para obter resultados. O autor enfatiza que as crenças de auto-eficácia devem ser

participação de uma amostra de conveniência de 122 alunos de terceira e quarta séries da primeira fase do Ensino Fundamental. As autoras ressaltam que 50 alunos eram de terceira e 72 de quarta série, todos de uma mesma escola pública estadual, de um município do interior do estado de São Paulo.

Os dados foram coletados através de um *questionário de auto-eficácia*; uma *escala de autoconceito matemático*; e uma *prova* de 12 questões fechadas de matemática, elaborada de acordo com as orientações de professores do segundo ciclo do Ensino Fundamental e de professores de matemática.

Quanto ao *autoconceito*, esta variável diz respeito à percepção de uma pessoa sobre si mesma, formada e influenciada, principalmente, por experiências com o ambiente e com pessoas significativas. Além disso, o *autoconceito* segue um modelo hierárquico dividindo-se em *autoconceito* geral, acadêmico, social, emocional e físico, sendo que o *acadêmico* ainda poderia ser dividido entre cada disciplina.

O *autoconceito* diferencia-se da auto-eficácia, pois esta última refere-se a uma avaliação pessoal de competência para desempenhar uma determinada tarefa em um contexto específico. O *autoconceito*, por sua vez, não pode ser medido nesse nível de especificidade.

As autoras afirmam que o *autoconceito* acadêmico está relacionado com o *desempenho escolar* geral. Há evidências de que o *autoconceito* está associado às atribuições de causalidade para o sucesso e fracasso escolar, assim como também está associado à ansiedade.

Os resultados da pesquisa indicam que grande parte dos estudantes demonstrou autoconceito favorável e um nível adequado de auto-eficácia. Além disso, os dados mostram que quanto maiores as crenças de auto-eficácia e de autoconceito, melhor o

desempenho em matemática. Dessa forma, encontrou-se uma relação positiva entre autoconceito e auto-eficácia. Entretanto, Souza e Brito (2008) lembram que não é possível estabelecer uma relação de causalidade, na qual auto-eficácia e autoconceito resultem em um melhor desempenho.

Em relação à temática “dificuldade de aprendizagem”, a pesquisa de Medeiros, Loureiro, Linhares e Marturano (2000) tem como objetivo avaliar as relações entre o desempenho acadêmico, o senso de auto-eficácia e os aspectos comportamentais de crianças do Ensino Fundamental, divididas em dois grupos, de acordo com o seu desempenho acadêmico.

As autoras enfatizam que, nesta fase educacional, o sucesso escolar garante à criança um desempenho valorizado pela sociedade, enquanto que o insucesso pode levar a uma sensação de não cumprimento da tarefa. Nesse sentido, a auto-eficácia destaca-se como uma variável interna do processo ensino-aprendizagem, pois ela influencia o desempenho acadêmico, ao mesmo tempo em que é influenciada por ele. Vale lembrar que essa relação de influências tem implicações no desenvolvimento da criança como um todo.

A pesquisa foi realizada através da avaliação de 52 crianças, de ambos os sexos, de 1ª a 4ª série de 20 escolas da rede pública do município de Ribeirão Preto. Os participantes foram separados em dois grupos: o primeiro composto por 26 crianças, encaminhadas a um ambulatório de psicologia por queixas de dificuldade de aprendizagem; o segundo grupo também composto por 26 crianças, mas, desta vez, com bom desempenho acadêmico.

Para realizar a pesquisa as autoras utilizaram *matrizes progressivas coloridas de Raven*; um *teste de desempenho escolar*; um *questionário para caracterização do*

desempenho e do comportamento da criança no Ambiente Escolar, e um roteiro de avaliação de auto-eficácia, elaborado por uma das autoras (Medeiros et al. 2000), para verificar a percepção da criança quanto ao seu desempenho acadêmico e sua capacidade de realização.

Os resultados indicam que as crianças com bom desempenho apresentaram um senso de auto-eficácia mais alto quando comparadas às crianças do primeiro grupo. Dessa forma, pode-se dizer que as crianças que apresentam mais problemas comportamentais apresentam também um baixo senso de auto-eficácia. Em relação a essas crianças com dificuldade de aprendizagem, os resultados mostram que seus pais tendem a percebê-las com mais problemas, se comparadas ao segundo grupo. Quanto ao rendimento escolar, um baixo senso de auto-eficácia pode levar a criança a render menos do que realmente poderia, não por não ser capaz, mas por não acreditar na sua capacidade.

Quanto a variável *aspectos comportamentais*, Medeiros et al. (2000) afirmam que crianças com alto senso de auto-eficácia utilizam mais estratégias cognitivas e metacognitivas para realizar as tarefas do que aquelas com baixo senso. Além disso, comumente as crianças que apresentam dificuldades escolares, paralelamente, manifestam prejuízos de ordem emocional e comportamental, como preocupação, fechamento ou solidão, irritabilidade e insegurança.

Em outra pesquisa, Medeiros, Loureiro, Linhares e Marturano (2003) tiveram como objetivo avaliar aspectos do desempenho acadêmico de crianças do ensino fundamental, relacionando indicadores da produção e do comportamento orientado para a aprendizagem com indicadores de percepção do senso de auto-eficácia. Justamente em relação ao desempenho acadêmico, o senso de auto-eficácia afeta “o

quê” os alunos fazem em situações acadêmicas, que diz respeito a conceituações quantitativas do desempenho escolar, ou seja, são comportamentos que podem ser avaliados pelos outros, como o desempenho em sala de aula e o investimento de esforço e tempo em tarefas. Já os indicadores qualitativos do desempenho consideram “o porquê” das atitudes dos estudantes. Essa abordagem tem como foco a avaliação dos processos, como as crenças das crianças sobre as causas do sucesso ou fracasso escolar.

A pesquisa foi realizada com o mesmo grupo de crianças da pesquisa citada anteriormente (Medeiros et al. 2000). Os dados foram obtidos através da aplicação de dois roteiros: um de *avaliação do senso de auto-eficácia*; e o outro de *observação clínica comportamental da criança orientada para a aprendizagem*.

Os resultados sugerem que quanto mais alto o senso de auto-eficácia da criança, mais positivas são as manifestações afetivas quanto à capacidade de iniciativa e de decisão. Em relação aos indicadores quantitativos, observou-se que as crianças com dificuldade de aprendizagem realizaram uma quantidade maior de atividade, em relação ao grupo de crianças com bom desempenho acadêmico. Entretanto, este primeiro grupo denotou poucos recursos de organização e atenção para aprimorar a qualidade de seus trabalhos. Nesse sentido, destaca-se a importância do senso de auto-eficácia como variável mediadora do desempenho acadêmico, influenciando a produção da criança e a sua interação com os outros.

Com base na análise dos indicadores quantitativos e qualitativos, Medeiros et al. (2003) sugerem o apoio psicopedagógico para as crianças com dificuldade de aprendizagem para favorecer o desenvolvimento das percepções de auto-eficácia e da auto-regulação.

Em relação ao *comportamento* orientado para aprendizagem, os resultados da pesquisa indicam que, contrariando a afirmação anterior, as crianças com dificuldade de aprendizagem apresentaram uma quantidade maior de atividades produzidas, e se apresentaram mais espontâneas para realizá-las e para a interação. Entretanto, demonstraram poucos recursos de organização e atenção para aprimorarem a qualidade das suas produções e adequarem seu padrão de interação.

Assim sendo, o presente capítulo apresentou os principais estudos teóricos nacionais acerca da auto-eficácia no contexto escolar, além de um relato das pesquisas encontradas sobre o mesmo assunto. No próximo capítulo, serão analisados os estudos teóricos e as pesquisas realizadas sobre a auto-eficácia na área da saúde.

3. AUTO-EFICÁCIA NA ÁREA DA SAÚDE

3.1. Estudos Teóricos

O estudo de Neri (2007) tem como objetivo discutir a auto-eficácia como mediadora da manutenção e da promoção da memória, da saúde física, da funcionalidade e do bem-estar subjetivo entre idosos, através de condições-exemplo, como o funcionamento intelectual, a capacidade funcional e os comportamentos voltados para o autocuidado desses sujeitos.

As crenças pessoais quanto a exercer controle sobre o próprio nível de funcionamento e sobre os eventos que afetam a própria vida são mecanismos centrais à personalidade. A autora afirma que a avaliação dessas capacidades é a questão central para a preservação do senso de auto-eficácia em idosos. Nesse sentido, idosos que vivem em uma sociedade que supervaloriza a juventude e, por conseqüência, adota estereótipos negativos sobre a velhice, podem ter o seu senso de auto-eficácia mais desafiado.

A autora ressalta que a trajetória de envelhecimento intelectual depende muito mais das oportunidades culturais e educacionais do que dos mecanismos genético-biológicos. Em outras palavras, o *envelhecimento* é significativamente influenciado pelas crenças de auto-eficácia, pelo autoconceito, pelas metas pessoais e pelas emoções, ou seja, por elementos da subjetividade. Dessa forma, o mesmo acontece com a variável *memória*: idosos que acreditam que ela é uma capacidade modificável, ainda que dentro de certos limites, são beneficiados pelo aumento do senso de auto-eficácia, da independência e da auto-estima.

Quanto ao senso de auto-eficácia na capacidade funcional, trata-se de um conjunto de competências comportamentais relacionadas ao manejo da vida cotidiana,

ou seja, é o conjunto de crenças nas habilidades que permitem o indivíduo funcionar sem ajuda. Por sua vez, o senso de auto-eficácia para o autocuidado à saúde tem relação com a adoção e manutenção de hábitos de vida saudável, juntamente com a evitação de riscos e com práticas preventivas.

Neri (2007) ressalta a importância de incentivar o desenvolvimento de crenças de auto-eficácia na velhice para o bem-estar dos idosos, como forma compensatória em relação às perdas cognitivas que esses idosos sofreram.

Por sua vez, o estudo de Leão Jr. e Resende (2004) tem como objetivo relatar teorias e pesquisas sobre auto-eficácia e memória, além de discutir sobre as influências das variáveis *agência pessoal* (ou controle pessoal), *metamemória* e *autoconceito*. Nesse sentido, os autores afirmam que a auto-eficácia, assim como esse constructo a ela relacionados, podem ser a chave para compreender o desempenho de memória dos idosos.

Os autores também ressaltam que alguns aspectos da memória podem declinar com o envelhecimento. Dessa forma, a utilização de recursos internos de auto-regulação, como a auto-eficácia, podem provocar uma melhor adaptação e otimização da memória.

Em relação às variáveis associadas à auto-eficácia, Leão Jr. e Resende (2004) afirmam que a auto-eficácia é também uma construção social e, por essa razão, se uma sociedade propagar fortemente crenças de que os declínios da *memória* estão relacionados com o aumento da idade, a aceitação dessas crenças, por parte dos idosos, pode influenciar na sua auto-eficácia para a *memória*.

Quanto ao *autoconceito*, ele é também relacionado à auto-eficácia, pois ambos se referem a julgamentos de habilidades em domínios específicos, influenciam o

desempenho e provêm de fontes individuais. A *agência pessoal*, por sua vez, diz respeito ao quanto uma pessoa acredita que um resultado depende de algo que ela faça.

3.2. Relato de Pesquisas e Análise das Variáveis Associadas

Na área da saúde foram encontrados cinco trabalhos, com uma variedade de temas relativamente ampla: memória e envelhecimento, falha de memória prospectiva e retrospectiva, estresse em pessoas da terceira idade, estresse em mães de pessoas autistas e adesão a tratamento anti-retroviral.

Em relação ao tema memória e envelhecimento, o objetivo do estudo de Yassuda, Lasca e Neri (2005) é apresentar a versão em português do instrumento de pesquisa já reconhecido na literatura internacional, assim como seus dados de validação. Este instrumento é especialmente útil para o desenvolvimento das pesquisas sobre o envelhecimento da memória.

Tendo em vista que o declínio da memória episódica (memória para fatos) é mais acentuado do que o da memória semântica (a que usamos para materiais lingüísticos) e que o envelhecimento afeta muito mais a memorização consciente (explícita) do que a realizada inconscientemente (memória implícita), diferentes hipóteses foram elaboradas para tentar explicar melhor esse declínio no desempenho dos idosos em diversas tarefas de memória. A hipótese mais recente diz que o desempenho dos idosos nesse tipo de tarefa é negativamente influenciado por suas atitudes e crenças quanto a sua capacidade de memorizar. Na literatura científica, esse conjunto de idéias e sentimentos sobre a memória é chamado de meta-memória.

O conceito de meta-memória inclui, atualmente, diversos aspectos, como o conhecimento sobre os processos de memória; o monitoramento da memória; sentimentos e emoções sobre a memória; e a auto-eficácia sobre a memória, que diz respeito ao grau de certeza de um indivíduo sobre a sua capacidade de realizar uma tarefa que envolva memória.

A teoria da auto-eficácia mostra que o nível de confiança do indivíduo em suas habilidades é um forte motivador e regulador dos seus comportamentos. Nesse sentido, a auto-eficácia é um importante constructo para o estudo do envelhecimento da memória, uma vez que a baixa auto-eficácia pode ajudar a explicar os declínios na memória dos idosos que, por sua vez, são mais vulneráveis a esta baixa auto-eficácia, pois vivenciam mais freqüentemente dificuldades cognitivas, além de também serem fortemente afetados pelos estereótipos negativos sobre o envelhecimento.

Para realizar este estudo, Yassuda, Lasca e Neri (2005) contaram com a participação de 33 jovens universitários e 27 idosos. 30 jovens eram do sexo feminino e 3 do sexo masculino. Em relação aos idosos, 23 eram do sexo feminino, enquanto que 4 eram do sexo masculino. Ambos os grupos declararam possuir boa saúde.

Os 60 participantes foram divididos em grupos menores (de quinze pessoas) para a aplicação do questionário de meta-memória e auto-eficácia, traduzidos do inglês para o português pela primeira autora. O instrumento era composto por seis diferentes tarefas de memorização, como listas de supermercado; histórias curtas; nomes de pessoas; localização de objetos; tarefas a serem realizadas; e listas de palavras.

Os resultados sugerem que os idosos possuem um maior conhecimento sobre o funcionamento básico da memória, enquanto que os jovens têm percepções e

sentimentos mais positivos frente à memória. Quanto à ansiedade, a pesquisa sugere que os idosos se sentem mais ansiosos diante aos desafios de memória.

Sobre as crenças de auto-eficácia, os idosos revelaram possuir auto-eficácia mais baixa do que os jovens, sendo que estes últimos apresentaram um desempenho superior na memorização das listas e histórias. Estes resultados revelam que as versões em português dos instrumentos utilizados podem ser promissoras para a pesquisa empírica, mas mais estudos, com base em um número maior de participantes, são necessários.

Ainda a respeito da memória, o objetivo do estudo de Benites, Jacques, Gauer e Gomes (2006) é analisar a interferência de fatores sociodemográficos e do nível de auto-eficácia geral no auto-relato de falhas de memória geral, prospectiva e retrospectiva, uma vez que as queixas de falhas de memória podem estar relacionadas à baixa auto-eficácia de memória, e não ao desempenho real. Vale ressaltar que memória prospectiva, também conhecida como de intenção, é utilizada na realização de atividades no futuro, associadas a intenções prévias, como se lembrar de pegar o filho na escola ao final do dia. E memória retrospectiva, por sua vez, é utilizada em situações relacionadas com fatos passados, como recordar o nome de alguém ou reconhecer um lugar.

As falhas de memória são mais preocupantes entre os idosos, por conta do declínio cognitivo que ocorre com o passar dos anos, e podem indicar processos degenerativos como Declínio Cognitivo Leve, Alzheimer e Parkinson. Por outro lado, as falhas de memória também podem estar associadas a um baixo nível de auto-eficácia de memória. Pesquisas indicam que esta variável, aparentemente, influencia positivamente as habilidades de memória, pois quanto maior a auto-eficácia de

memória de um indivíduo, melhor são as suas habilidades nas tarefas que a envolvem. Pesquisas também indicam que os idosos tendem a ter auto-eficácia de memória mais baixa do que os jovens, fato que pode estar relacionado a uma imagem social negativa do envelhecimento.

Participaram da pesquisa 642 pessoas, com idade entre 16 e 81 anos, sendo 63% do sexo feminino. Para a análise dos dados foram formados dois grupos: o de idosos, com idade acima de 60 anos; e o de não idosos, com idade entre 16 e 59 anos. Vale ressaltar que os critérios adotados tinham como objetivo formar uma amostra de participantes saudáveis e com características homogêneas.

Para realizar a pesquisa foram utilizadas: uma *Ficha de Dados Sociodemográficos*; a versão em português do *Questionário de Memória Prospectiva e Retrospectiva*; e a *Escala de Auto-Eficácia Geral Percebida*.

Os resultados revelam que, apesar das falhas prospectivas precederem as retrospectivas no envelhecimento normal, a utilização de pistas pode auxiliar e disfarçar as queixas prospectivas, o que explica o fato delas serem menos relatadas. Além disso, encontrou-se que a auto-eficácia de memória está mais fortemente associada ao desempenho prospectivo, enquanto que a auto-eficácia geral está associada ao auto-relato de falhas de memória prospectivas. Nesse sentido, o manejo da auto-eficácia geral, através da modificação de estereótipos sociais pode diminuir diretamente o auto-relato de falhas de memória retrospectiva. Da mesma forma, a diminuição de queixas tende a aumentar a auto-eficácia geral e a percepção de qualidade de vida.

Benites et al. (2006) comentam que o estresse é um fator emocional que pode levar a um maior auto-relato de falhas de memória entre os jovens, enquanto que sintomas depressivos são os principais fatores para os idosos. Os autores também

ressaltam que mais pesquisas, principalmente sobre auto-relato de falhas de memória prospectivas, são necessárias.

Quanto à temática “estresse”, a pesquisa de Fortes-Burgos, Neri e Cupertino (2008) tem como principal objetivo analisar a relação entre experiência de eventos estressantes e sintomas depressivos em homens e mulheres da terceira idade. As autoras ressaltam que essa relação é mediada por estratégias de enfrentamento e, também, pela avaliação da auto-eficácia na utilização dessas estratégias durante os eventos de vida.

Eventos de vida são fatos que ocorrem ao longo da vida das pessoas, organizando as suas experiências de desenvolvimento, e podem ser de diversas origens: biológica; psicológica; social; sócio-cultural; e ecológica. Orientam a personalidade para o enfrentamento, pois tratam-se de situações que, de alguma maneira, desafiam o ajustamento biológico, social e psicológico do indivíduo. As crenças de auto-eficácia influenciam os pensamentos, os sentimentos, a automotivação e a ação, podendo determinar o tipo de comportamento que será iniciado, o seu tempo de duração e a quantidade de esforço que será despendido nesse comportamento.

Para realizar a pesquisa, 544 idosos foram selecionados, dentre os 956 que foram entrevistados. O critério de seleção foi terem relatado que viveram eventos estressantes do curso de vida nos últimos cinco anos. Dos participantes selecionados, 74, 6% eram mulheres com idade média de 72, 1 anos; 42, 1% tinham entre 60 e 69 anos, 39% entre 70 a 79 anos e 18, 9% tinham 80 anos ou mais.

Foram utilizados três instrumentos traduzidos e adaptados semanticamente da língua inglesa para o português: um *inventário de eventos estressantes*; a *avaliação de intensidade de um evento de vida negativo*; e *estratégias de enfrentamento*. Para

avaliar o senso de auto-eficácia do enfrentamento foi construído um instrumento específico.

Os eventos de vida estressantes relatados foram separados em cinco categorias: relacionados a finitude; que afetam os descendentes; relacionados ao cuidado; que afetam o bem-estar psicológico; e os eventos pontuais de crise. Dessas categorias, os relacionados a finitude foram os mais relatados.

As mulheres avaliaram os eventos como extremamente estressantes mais vezes do que os homens, revelando uma tendência feminina, uma vez que, culturalmente, as mulheres tendem a falar mais dos seus problemas do que os homens. Elas queixam-se mais facilmente de enfermidades e outros problemas, caracterizando o grupo feminino como o que vive mais intensamente o estresse. Vale ressaltar que as queixas podem funcionar como estratégias de sobrevivência, pois as reclamações podem ser úteis para chamar a atenção, para ganhar controle secundário sobre o ambiente e para evitar mais punição. De um modo geral, os dados revelaram que a velhice não se traduz num período homogêneo do desenvolvimento. Em outras palavras, ter 60 anos é diferente de ter 70 ou 80.

Em relação à auto-eficácia, a maioria dos participantes relatou satisfação pessoal com seu desempenho no enfrentamento de um evento estressante, o que pode levar a conseqüências positivas, pois um forte senso de auto-eficácia promove realização e bem-estar. Por outro lado, os idosos deprimidos avaliaram a auto-eficácia no enfrentamento como inadequada, revelando-se insatisfeitos com o próprio desempenho na situação estressante. Acresce-se que esses mesmos idosos responderam que acreditam que também terão um enfrentamento inadequado, se passarem por uma situação semelhante no futuro. Os resultados mostram também que o maior risco para

depressão foi associada com o uso de estratégias de enfrentamento com foco na expressão de emoções negativas; em excessos comportamentais e comportamentos de risco; experiência de eventos que afetam a descendência; ter entre 60 e 69 anos; e avaliar a auto-eficácia no enfrentamento como “inadequada”.

Ainda na temática “estresse”, a pesquisa de Schmidt e Bosa (2007) tem como objetivo investigar os níveis de estresse e auto-eficácia materna em mães de indivíduos com autismo. A definição de *estresse* ressalta a relação entre a pessoa e o ambiente, levando em consideração tanto as características da pessoa quanto a natureza do evento ambiental. O *estresse* psicológico é um processo no qual o indivíduo percebe e reage a situações que ele considera desafiadoras, que excedem seus limites e ameaçam seu bem-estar. Em outras palavras, o *estresse* é uma reação do organismo a situações extremamente difíceis e excitantes.

Sendo assim, as características específicas do autismo somadas à gravidade do transtorno podem ser estressores em potencial para familiares. Estudos indicam que o padrão de estresse dos familiares de crianças autistas é mais elevado do que a de famílias de crianças com desenvolvimento típico ou com síndrome de Down. Além disso, baixos níveis de coesão entre os pais e a presença de conflitos conjugais e familiares são apontados como correlacionados às dificuldades de ajuste da criança: a falta de apoio conjugal pode colaborar para o crescimento dos sentimentos de solidão e desamparo maternos, aumentando, assim, os níveis de estresse parental e ocasionando uma exacerbação dos sintomas da criança, dificultando a adaptação.

Levando em consideração que a presença contínua de estressores pode afetar a confiança dos pais em suas habilidades parentais, o conceito de auto-eficácia tem sido muito utilizado no campo das relações familiares, para investigar o quanto os pais se

sentem confiantes em suas habilidades para lidarem com os seus filhos, mais precisamente ao quanto esses pais se sentem capazes de realizar essas tarefas com sucesso.

Para realizar a pesquisa foram selecionadas, em clínicas e escolas de educação especial de Porto Alegre e região metropolitana, 30 mulheres, com idades entre 30 e 56 anos, mães de pessoas autistas e com idades entre 12 e 30 anos. É importante mencionar que os autores utilizaram como critério de exclusão a presença de outros estressores, como doenças físicas nas mães, desemprego, mudança de residência recente (menos de seis meses) ou a morte de um ente querido (menos de doze meses).

Foram empregados três instrumentos: a *Ficha sobre dados demográficos, dados sobre a pessoa com autismo e identificação de estressores*; o *Manual do Inventário de Sintomas de Estresse para Adultos*; e a *Escala de Auto-eficácia*, traduzida do inglês para o português, composto por 15 itens que avaliam os comportamentos mais apresentados por indivíduos com autismo, e o quanto os pais acreditam serem capazes de lidar com estes.

Os resultados indicam a alta incidência de estresse entre as mães de pessoas com autismo. Os comprometimentos da comunicação e interação social parecem exercer um impacto maior no senso de auto-eficácia materno do que os outros problemas comportamentais. Vale ressaltar que o apoio social é um dos principais fatores que atenuam esse estresse materno. Mesmo não contribuindo de forma significativa, as escolas de educação especial podem estar colaborando para que mães se sintam mais aptas a lidarem, com mais chances de sucesso, com as dificuldades comportamentais de seus filhos.

A última pesquisa da área da saúde tem como objetivo descrever o desenvolvimento de uma escala de expectativas de auto-eficácia para sujeitos portadores de HIV/AIDS tomem regularmente anti-retrovirais, conforme prescrição médica. Leite, Dracher, Centeno, Pinheiro e Silveira (2002) ressaltam que a terapia anti-retroviral é responsável por melhorar a sobrevivência e a qualidade de vida desses sujeitos. Entretanto, quando utilizada de forma irregular, em doses insuficientes ou o não seguimento de rotinas para a absorção adequada, perde a sua efetividade e pode levar ao desenvolvimento de vírus resistente a anti-retrovirais semelhantes, transformando a doença num problema ainda maior para a saúde pública. Nesse sentido, a Teoria Social Cognitiva tem sido muito utilizada para compreender os comportamentos de proteção à saúde. Mais especificamente, a auto-eficácia é concebida como a expectativa de controlar as circunstâncias que possam dificultar o seguimento regular da prescrição e realizar com sucesso tal comportamento.

Tendo em vista que *agência pessoal* diz respeito aos mecanismos autorreguladores pelos quais as pessoas passam a exercer controle sobre a própria motivação, estilos de pensamento e, até mesmo, sobre a vida emocional (Bandura, 2008), a pesquisa de Leite et al. (2002) trata-se, pois, de um estudo sobre a *agência pessoal* para aderir ao tratamento proposto.

Nessa pesquisa, a auto-eficácia é vista como a expectativa de controlar as circunstâncias que possam dificultar o seguimento regular da prescrição e realizar com sucesso tal comportamento. Essa expectativa varia em três dimensões: magnitude, que diz respeito aos níveis de dificuldades que a pessoa se julga capaz de superar para desempenhar o comportamento proposto com sucesso; força, que diz respeito ao grau

validar o instrumento, entrevistadores treinados aplicaram um questionário aos 60 pacientes da segunda fase da pesquisa.

A média de respostas diferiu entre os itens, sendo maior para o que investigava a auto-eficácia para tomar a medicação na presença de pessoas que não acreditam no benefício do tratamento e menor para o item que avalia a auto-eficácia na vigência de efeitos adversos da medicação, o que sugere que essa segunda situação é mais difícil de ser superada do que a primeira.

Leite et al (2002) ressaltam que o instrumento que construíram é relativamente pequeno e de fácil administração, tornando-o adequado para a aplicação em ambientes clínicos. Entretanto, pesquisas sobre essa possível aplicação na prática clínica ainda são necessárias.

Em síntese, este capítulo expôs os estudos teóricos e um relato das pesquisas encontradas, a partir do levantamento bibliográfico, a respeito da auto-eficácia na área da saúde. Uma breve análise das variáveis associadas a este constructo foi realizada. No capítulo seguinte, abordarei a mensuração da auto-eficácia, mediante a investigação dos instrumentos utilizados pelas pesquisas analisadas nestes dois últimos capítulos.

4. A MENSURAÇÃO DA AUTO-EFICÁCIA

Contexto Escolar

Todos os instrumentos utilizados nas pesquisas da área educacional para mensurar a auto-eficácia foram construídos pelos próprios autores durante o respectivo trabalho ou em pesquisas anteriores, que abordavam o mesmo tema. Medeiros, Loureiro, Linhares e Marturano (2003), por exemplo, utilizaram o *roteiro de avaliação do senso de auto-eficácia* elaborado pela segunda autora em uma outra pesquisa, também analisada neste trabalho (Medeiros et al., 2000). Da mesma forma, Souza e Brito (2008) utilizaram um *questionário de auto-eficácia*, construído pelo segundo autor num estudo anterior sobre o mesmo tema.

Com o objetivo de avaliar as relações entre o desempenho acadêmico, o senso de auto-eficácia e os aspectos comportamentais de crianças do Ensino Fundamental, Medeiros et al. (2000) utilizaram este instrumento para verificar a percepção dessas crianças quanto aos seus desempenhos acadêmicos e suas capacidades de realização.

O roteiro é composto por 20 afirmativas, sendo que 12 referem-se à percepção da capacidade quanto ao desempenho acadêmico, contendo seis afirmativas com significado positivo, por exemplo, "*Eu tenho me saído bem*"; e seis com significado negativo ("*Eu esqueço rápido o que aprendi*").

As outras oito afirmativas dizem respeito à percepção de desempenho acadêmico, tendo a avaliação dos outros ou a comparação com os pares como referência. Dessas afirmativas, quatro possuem um significado positivo, como "*Eu aprendo tão bem quanto os meus colegas*"; e quatro, um significado negativo ("*Minha professora me considera um aluno fraco*"). Vale ressaltar que os participantes tinham como alternativas de resposta: "*Sim*" ou "*Não*".

memorização (sub-escalas), como listas de supermercado, histórias curtas, nomes de pessoas, localização de objetos, tarefas a serem realizadas e listas de palavras.

Em cada uma das tarefas foram analisados o *Nível de Auto-Eficácia da Memória* e a *Força da Auto-Eficácia da Memória*, sendo que o nível corresponde ao número de “Sim” circulados pelos participantes a cada tarefa; e a força corresponde à medida das porcentagens assinaladas nessas sub-escalas.

Ainda a respeito da memória, Benites, Jacques, Gauer e Gomes (2006) utilizaram a *Escala de Auto-Eficácia Geral Percebida (EAEGP)*, com o objetivo de analisar a interferência de fatores sociodemográficos e do nível de auto-eficácia geral no auto-relato de falhas de memória geral, prospectiva e retrospectiva.

O instrumento era composto por 10 itens sobre opiniões que as pessoas podem ter a respeito de si mesmas, como por exemplo, “*Se estou com problemas, geralmente encontro uma saída*”. Cada frase devia ser avaliada numa pontuação de 1 a 4, ou seja, de nenhum pouco verdadeiro à exatamente verdadeiro. Dessa forma, o número máximo de pontos que um participante poderia obter era 44, significando que possuía uma auto-eficácia geral alta.

A *Escala de Auto-eficácia* utilizada por Schmidt e Bosa (2007), por sua vez, tinha como objetivo investigar o nível de auto-eficácia materna em mães de indivíduos com autismo. Levando em consideração que o senso de auto-eficácia está relacionado ao quanto esses pais se sentem confiantes em suas habilidades de lidar com os seus filhos, ou seja, se sentem capazes de realizar essas tarefas com sucesso, o instrumento utilizado era composto por 15 itens que avaliavam os comportamentos mais apresentados por indivíduos com autismo, e o quanto os pais acreditavam serem capazes de lidar com estes, como, por exemplo: “*Quando seu filho(a) não fixa o olhar*” e

“Quando seu filho(a) não troca turnos durante a conversa”. As respostas podiam variar de 0 a 5, correspondendo a *“Nenhuma confiança”* até *“Completamente confiante”*.

Leite et al. (2002) e Fortes-Burgos, Neri e Cupertino (2008) construíram instrumentos específicos para mensurar a auto-eficácia, de acordo com os objetivos de suas pesquisas. No caso de Leite et al. (2002), foi elaborada uma escala de expectativas de auto-eficácia para que sujeitos portadores de HIV/AIDS tomem regularmente anti-retrovirais, conforme prescrição médica.

Para desenvolver os 21 itens da escala de auto-eficácia, foram realizadas entrevistas exploratórias individuais com 14 pacientes da primeira fase da pesquisa e entrevistas em grupo com os outros 12. As perguntas eram semi-abertas, fato que possibilitava os entrevistados a expressarem seu entendimento com suas próprias palavras. Para validar o instrumento, entrevistadores treinados aplicaram um questionário aos 60 pacientes da segunda fase da pesquisa.

As entrevistas individuais seguiram um roteiro temático definido, incluindo perguntas a respeito da experiência de ser HIV positivo, de apresentar ou não apresentar AIDS, de receber a indicação de tratamento anti-retroviral e quanto às percepções e expectativas de resultado de seguir regularmente a prescrição, assim como as de não tomar os anti-retrovirais ou de não seguir a prescrição de forma regular.

Havia também questões a respeito das situações que dificultavam ou facilitavam a utilização da medicação, nas quais também estavam inclusas percepções e expectativas da capacidade de superar obstáculos ao seguimento da prescrição, dando origem aos itens *“Se eu for discriminado ou rejeitado”* ou ainda *“Se eu estiver com alguém que eu não quero que saiba que sou portador do vírus da AIDS”*. Vale ressaltar

que cada item deveria ser analisado numa escala de 0 a 4: “*não vou tomar mesmo*”; “*acho que não vou tomar*”; “*não sei*”; “*acho que vou tomar*”; e “*com certeza vou tomar*”.

Por sua vez, a pesquisa de Fortes-Burgos (2008) tinha como principal objetivo investigar a relação entre experiência de eventos estressantes e sintomas depressivos em homens e mulheres da terceira idade. Para isso, as autoras elaboraram um instrumento específico com o objetivo de avaliar o senso de auto-eficácia do enfrentamento, que consistia em duas questões: “*Dadas essas circunstâncias, como diria que lidou com o problema?*” e “*Quão bem diria que lidaria com um problema como este no futuro?*”.

As questões foram propostas em referência ao *inventário de eventos estressantes*, composto por 31 itens que descrevem eventos negativos, como problemas de saúde ou nas relações conjugais e morte dos pais. As respostas das questões sobre auto-eficácia no enfrentamento podiam variar numa escala de 1 a 5, sendo 1 “*nada bem, ou seja, muito mal*” e 5 “*muito bem*”.

O presente capítulo teve como objetivo analisar os instrumentos utilizados para mensurar a auto-eficácia, encontrados nos relatos de pesquisas analisadas nos dois últimos capítulos deste trabalho. No capítulo seguinte, os principais resultados e as considerações finais a respeito desta análise da auto-eficácia no contexto escolar e na área da saúde serão apresentadas.

5. PRINCIPAIS RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos a partir da análise dos estudos existentes, dos instrumentos utilizados para mensurar a auto-eficácia, assim como das variáveis associadas a ela, serão apresentados em tabelas, nos anexos.

Contexto Escolar

Dos quinze estudos analisados, oito são da área educacional e, dentre estes, três são pesquisas quantitativas (Medeiros et al., 2000; Medeiros et al., 2003; e Souza e Brito, 2008) e cinco são trabalhos teóricos que se referem a auto-eficácia dos alunos e professores.

Em relação aos cinco trabalhos teóricos (Tabela 1), três analisam a influência da auto-eficácia nos alunos e, as outras duas, nos professores. Das que analisam os alunos, todas se preocupam com as influências da *motivação* na aprendizagem, sendo que duas (Souza, 2007; Costa & Boruchovitch, 2007) se interessam também pelas conseqüências dessa *motivação* e da auto-eficácia para o *desempenho acadêmico* dos alunos.

As pesquisas que investigam a auto-eficácia nos professores procuram compreender as influências dessa variável no trabalho docente, juntamente em relação às crenças e valores que esses profissionais têm a respeito de si mesmos e de seus alunos (Azzi, Polydoro e Bzuneck, 2007); assim como em relação à própria motivação para continuarem na profissão, e para promoverem um melhor desempenho acadêmico dos seus alunos (Bzuneck, 2004).

Esses estudos teóricos indicam que as crenças de auto-eficácia fazem parte dos fatores que compõem os mecanismos psicológicos da motivação do aluno (Bzuneck,

2001; e Costa e Boruchovitch, 2007). Sendo assim, essas crenças devem ser constantemente estimuladas pelo professor, que jamais deve permitir que o contrário ocorra: quando um aluno não se julga capaz de ter um bom desempenho acadêmico, ou seja, quando ele apresenta um baixo senso de auto-eficácia nesse aspecto, ele pode acabar limitando as suas escolhas profissionais e, também, seus esforços nas disciplinas. Além disso, alunos que possuem baixas crenças de auto-eficácia possuem elevados níveis de ansiedade, fato que influencia negativamente o desempenho escolar (Souza, 2007).

Quanto às crenças de auto-eficácia docente, os estudos mostram que conhecê-las pode provocar efeitos positivos e duradouros no processo ensino-aprendizagem, beneficiando não somente os alunos, mas também os docentes. Nesse sentido, a auto-eficácia docente vem sendo considerada como um bom preditor de sucesso acadêmico dos alunos (Azzi, Polydoro e Bzuneck, 2007; e Bzuneck, 2004).

Em relação às três pesquisas quantitativas da área educacional (Tabela 2), todas tiveram como objetivo analisar a influência da auto-eficácia nos alunos, sendo que duas relacionaram com a dificuldade de aprendizagem (Medeiros et al., 2000 e 2003) e a outra com o desempenho em Matemática (Souza e Brito, 2008). As idades das crianças que participaram das pesquisas variaram de 8 a 14 anos, todas pertencentes ao Ensino Fundamental.

Todas essas pesquisas construíram um instrumento específico para mensurar a auto-eficácia e investigaram a sua relação com o *desempenho acadêmico* dos alunos, sendo que duas (Medeiros, 2000 e 2003) se preocuparam com a influência dos *aspectos comportamentais* neste processo; e outra (Souza e Brito, 2008) com o

autoconceito acadêmico dos alunos, tendo em vista que esta variável também está diretamente associada ao *desempenho acadêmico*.

Os resultados indicam que crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem possuem crenças de auto-eficácia mais baixas do que as com bom desempenho acadêmico (Medeiros et al., 2000 e 2003). Além disso, o desempenho dos alunos está positivamente relacionado à auto-eficácia Matemática (Souza e Brito, 2008).

Área da Saúde

Em relação à auto-eficácia na área da saúde (Tabela 3), foram encontrados, durante o levantamento bibliográfico deste trabalho, sete estudos, dentre eles, cinco são pesquisas quantitativas.

Todas as pesquisas da área da saúde analisaram a influência da auto-eficácia nos adultos. Algumas (Yassuda et al., 2005; e Benites et al., 2006) contaram com a participação de jovens para comparar o desempenho destes com o dos idosos, quanto a variável *memória*. Outras analisaram a auto-eficácia juntamente com a variável *estresse*, como a pesquisa de Schmidt e Bosa, 2007, a respeito de mães de pessoas com autismo; e Fortes-Burgos et al., 2008, sobre *sintomas depressivos* entre idosos. Além disso, esta última pesquisa também analisou as *estratégias de enfrentamento* dos participantes diante dos diversos eventos de vida estressantes.

A variável *agência pessoal* foi investigada de forma associada à auto-eficácia por Leite et al. (2002), com o objetivo de analisar a adesão a um tratamento anti-retroviral.

Em relação aos instrumentos utilizados para mensurar a auto-eficácia, das cinco pesquisas, duas (Fortes-Burgos et al., 2008; e Leite et al., 2002) construíram um

instrumento específico para este fim. As outras três pesquisas utilizaram e adaptaram instrumentos já existentes na literatura internacional.

Os resultados destas pesquisas indicam que os idosos revelaram possuir um senso de auto-eficácia mais baixo do que os jovens (Yassuda et al., 2005). Dessa forma, um senso de auto-eficácia considerado como inadequado pode ser associado com maiores riscos para a depressão (Fortes-Burgos et al., 2008). Por sua vez, um nível adequado de auto-eficácia pode duplicar a adesão ao tratamento anti-retroviral (Leite et al., 2002). Benites et al. (2006) ressaltam a grande vinculação entre auto-eficácia e memória prospectiva; e Schmidt e Bosa (2007) afirmam que a dificuldade de comunicação e interação social de pessoas com autismo são os problemas que mais afetam a auto-eficácia materna.

Em relação aos estudos teóricos (Neri, 2007; e Leão Jr. & Resende, 2004), ambos trataram da auto-eficácia dos idosos durante o envelhecimento, assim como de suas crenças quanto às falhas de memória. Nesse sentido, Neri (2007) resalta a importância de incentivar o desenvolvimento de crenças de auto-eficácia na velhice para o bem-estar dos idosos, como forma compensatória em relação às perdas cognitivas que esses idosos sofreram. Da mesma forma, Leão Jr. e Resende (2004), afirmando que alguns aspectos da memória podem declinar com o envelhecimento, sugerem que a utilização de recursos internos de auto-regulação, como a auto-eficácia, podem provocar uma melhor adaptação e otimização da memória.

Quanto às outras variáveis associadas à auto-eficácia, Leão Jr. e Resende (2004) discutem sobre as influências do *autoconceito*, pois ambos se referem a julgamentos de habilidades em domínios específicos, influenciam o desempenho e

provêm de fontes individuais. A *agência pessoal*, por sua vez, diz respeito ao quanto uma pessoa acredita que um resultado depende de algo que ela faça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a auto-eficácia é muito importante para compreender o comportamento humano quanto às crenças e expectativas que as pessoas têm de si mesmas, pois essas crenças são as responsáveis por elaborar uma base para a motivação humana, o bem-estar e as realizações pessoais.

No contexto escolar, cinco trabalhos investigaram como o estudo deste constructo pode colaborar na elaboração de medidas de intervenção no desempenho acadêmico dos alunos. Observou-se que a auto-eficácia seja do aluno, seja do professor, por se tratar de uma variável interna do processo ensino-aprendizagem, pode funcionar como um indicativo de sucesso ou fracasso escolar (Azzi, Polydoro e Bzuneck, 2007; Bzuneck, 2004; Souza e Brito, 2008; Medeiros et al., 2000; e Medeiros et al., 2003).

Dessa forma, a auto-eficácia possibilita professores e alunos a caminharem, juntos, rumo ao sucesso escolar, já que ela tem sido compreendida como a crença na própria capacidade de provocar um efeito produtivo e relevante, não apenas na quantidade, mas também na qualidade do envolvimento e aprendizagem dos alunos.

Na área da saúde, tendo em vista que a auto-eficácia tem sido compreendida como a crença de uma pessoa na sua capacidade de obter êxito em alguma situação da sua vida cotidiana, observou-se, a partir dos estudos analisados, que esta área do conhecimento tem investigado a auto-eficácia como uma variável que pode contribuir para a compreensão e promoção do bem-estar dos sujeitos (Neri, 2007; e Fortes-

Burgos, Neri e Cupertino, 2008). Além disso, vale acrescentar que foi observada em alguns estudos (Neri, 2007; Leão Jr. e Resende, 2004; e Benites et al., 2006) a influencia da sociedade sobre o senso de auto-eficácia dos idosos. Se uma sociedade supervaloriza a juventude e, com isso, segue estereótipos negativos quanto à velhice, pode prejudicar as crenças de auto-eficácia da população idosa.

A auto-eficácia como fonte para a auto-regulação pode ser considerada como um ponto em comum entre as duas áreas do conhecimento investigadas neste trabalho, já que se pode observar nesse constructo uma função reguladora sobre o comportamento, que procura mediar cognição, emoção e motivação (Fortes-Burgos, Neri e Cupertino, 2008; Neri, 2007; Yassuda, Lasca e Neri, 2005; Schmidt e Bosa, 2007; Leite et al., 2002; e Costa e Boruchovitch, 2007). Os estudos analisados do contexto escolar indicam que a auto-eficácia exerce influencia na auto-regulação da aprendizagem (Souza, 2007) e na perseverança na tentativa de solucionar problemas e diante os eventuais fracassos (Bzuneck, 2004; Bzuneck, 2001; e Medeiros et al., 2003).

Constata-se, pois, que o estudo da auto-eficácia é ainda é recente na literatura nacional. Apesar do constructo auto-eficácia ter sido elaborado há mais de trinta anos (Bandura, 2008), a pesquisa mais “antiga” encontrada pelo levantamento bibliográfico foi realizada por Medeiros et al. (2000), há menos de dez anos.

Outro ponto a ser considerado refere-se ao reduzido número de trabalhos encontrados com o levantamento bibliográfico. Passaram pela triagem dezesseis periódicos das principais Universidades do país e de Associações Nacionais de Psicologia, além de diversos livros. Cada qual com vários volumes. Entretanto, foram encontrados somente oito estudos com esta temática no contexto escolar (cinco

teóricos e três pesquisas quantitativas), fato que ressalta a carência de estudos nacionais a respeito da auto-eficácia.

Justamente por conta dessa escassez foram também analisados estudos teóricos e pesquisas quantitativas da área da saúde, interessadas em investigar a auto-eficácia neste contexto. Destas, foram encontradas cinco pesquisas quantitativas e dois estudos teóricos.

Uma última constatação remete a especificidade deste constructo, uma vez que cada pesquisa teve como objetivo analisar a influência da auto-eficácia em situações diferentes e específicas.

Dessa forma, estudar a auto-eficácia no contexto escolar e na área da saúde, juntamente às variáveis associadas a ela, e aos instrumentos utilizados e construídos para mensurá-la, é de grande importância para identificar caminhos de ação que podem levar ao desenvolvimento de cenários educativos muito mais promotores de aprendizagem e da melhora na qualidade de vida da população.

Vale ressaltar que, por conta da abrangência do tema, a delimitação deste trabalho fez-se necessária. Sendo assim, observa-se que a análise do constructo auto-eficácia já está sendo realizada por outras áreas do conhecimento, tais como a área do trabalho e do esporte. Nesse sentido, enfatiza-se a necessidade de mais investigação sobre o tema, não apenas de pesquisas quantitativas, mas também de estudos teóricos, com o objetivo de compreender cada vez mais esse constructo, assim como toda a Teoria Social Cognitiva de uma forma geral, uma vez que esta ainda se encontra em processo de formação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZZI, R. G. & POLYDORO, S. A. J. (orgs.). Auto-eficácia proposta por Albert Bandura: algumas discussões. In: R. G. AZZI e S. A. J. POLYDORO (orgs.) *Auto-eficácia em diferentes contextos*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007 (pp. 9-23).

AZZI, R. G.; POLYDORO, S. A. J. & BZUNECK, J. A. Considerações sobre a auto-eficácia docente. In: R. G. AZZI e S. A. J. POLYDORO (orgs.) *Auto-eficácia em diferentes contextos*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007 (pp. 149-159).

BANDURA, A. A evolução da teoria social cognitiva. In: A. BANDURA, R. G. AZZI & S. POLYDORO. *Teoria social cognitiva – conceitos básicos*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008 (pp. 15-40).

BENITES, D.; JACQUES, S. M. C. ; GAUER, G. e GOMES, W. B. Percepção de auto-eficácia e auto-relato de falhas de memória prospectiva e retrospectiva. *Interação em Psicologia*, v. 10, n. 2, Curitiba, 2006 (pp. 207-215).

BORUCHOVITCH, E. As variáveis psicológicas e o processo de aprendizagem: uma contribuição para a psicologia escolar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 10, n. 1, Brasília, 1994 (pp. 129-139).

BZUNECK, J. A. As crenças de auto-eficácia dos professores. In: F. F. SISTO, G. C. OLIVEIRA & L. D. T. FINI (orgs.). *Leituras de Psicologia para Formação de Professores*. Petrópolis, RJ/ Bragança Paulista, SP: Vozes/ Ed. Universitária São Francisco, 2004 (pp. 117-134).

BZUNECK, J. A. As crenças de auto-eficácia e o seu papel na motivação do aluno. In J. A. BZUNECK & E. BORUCHOVITCH (Orgs.). *A motivação do aluno: contribuições da Psicologia contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2001 (pp. 116-133).

COSTA, E. R. da & BORUCHOVITCH, E. A auto-eficácia e a motivação para aprender: considerações para o desempenho escolar dos alunos. In: R. G. AZZI e S. A. J. POLYDORO (orgs.) *Auto-eficácia em diferentes contextos*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007 (pp. 87-109).

FORTES-BURGOS, A. C. G.; NERI, A. L. e CUPERTINO, A. P. F. B. Eventos estressantes, estratégias de enfrentamento, auto-eficácia e sintomas depressivos entre idosos residentes na comunidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 21, n. 1. Porto Alegre, 2008 (pp. 74-82).

LEÃO Jr., R. e RESENDE, M. C. Auto-eficácia, memória e envelhecimento. In: NERI, A. L.; YASSUDA, M. S. (orgs.); e CACHIONI, M. (colab.). *Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos*. Campinas, SP: Papyrus, 2004 (pp. 127 - 140).

LEITE, J. C. C.; DRACHLER, M. L.; CENTENO, M. O.; PINHEIRO, C. A. T. e SILVEIRA, V. L. Desenvolvimento de uma escala de auto-eficácia para adesão ao tratamento anti-retroviral. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 15, n. 1. Porto Alegre, 2002 (pp. 121-133).

MEDEIROS, P. C., LOUREIRO, S.R., LINHARES, M. B. M., & MARTURANO, E. M. A auto-eficácia e os aspectos comportamentais de crianças com dificuldade de aprendizagem. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 13, n. 3. Porto Alegre, 2000 (pp. 327-336).

MEDEIROS, P. C., LOUREIRO, S.R., LINHARES, M. B. M., & MARTURANO, E. M. O senso de auto-eficácia e o comportamento orientado para a aprendizagem em crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 8, n. 1. Natal, 2003 (pp. 93-105).

NERI, A. L. O senso de Auto-eficácia como mediador do envelhecimento bem sucedido no âmbito da cognição, das competências para a vida diária e do autoconhecimento à

- saúde. In: R. G. AZZI e S. A. J. POLYDORO (orgs.) *Auto-eficácia em diferentes contextos*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007 (pp. 59 - 85).
- PAJARES, F. & OLAZ, F. Teoria social cognitiva e auto-eficácia: uma visão geral. In: A. BANDURA, R. G. AZZI & S. POLYDORO. *Teoria social cognitiva – conceitos básicos*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008 (pp. 97-114).
- ROSÁRIO, P. S. L.; BALDAQUE, M.; MOURÃO, R.; NUÑEZ, J. C.; GONZÁLES-PIENDA, J. A.; VALLE, A. e JOLY, M. C. R. A. Trabalho de casa, auto-eficácia e rendimento em matemática. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRPEE)*, v. 12, n. 1, jan./jun. 2008 (pp. 23-35).
- SCHMIDT, C. e BOSA, C. Estresse e auto-eficácia em mães de pessoas com autismo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 59, n. 2. Rio Grande do Sul, 2007 (pp. 179-191).
- SOUZA, E. M. de, Ir. Problemas de aprendizagem: crianças de 8 a 11 anos. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- SOUZA, L. F. N. I. Crenças de auto-eficácia matemática. In: A. BANDURA, R. G. AZZI & S. POLYDORO. *Teoria social cognitiva – conceitos básicos*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007 (pp. 111-126).
- SOUZA, L. F. N. I. de e BRITO, M. R. F. de. Crenças de auto-eficácia, autoconceito e desempenho em matemática. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 25, n. 2, Campinas, 2008 (pp. 193-201).
- VIEIRA, D.; MAIA, J. e COIMBRA, J. L. Do ensino superior para o trabalho: análise factorial confirmatória da escala de auto-eficácia na transição para o trabalho (AETT). *Avaliação Psicológica*, v. 6, n. 1, 2007 (pp. 3-12).

YASSUDA, M. S.; LASCA, V. B. e NERI, A. L. Meta-memória e auto-eficácia: um estudo de validação de instrumentos de pesquisa sobre memória e envelhecimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 18, n. 1, Porto Alegre, jan./abr. 2005 (pp. 78-90).

ANEXOS

TABELA 1 – RELAÇÃO DE TODOS OS TRABALHOS ENCONTRADOS SOBRE A VARIÁVEL AUTO-EFICÁCIA NO CONTEXTO ESCOLAR E NA ÁREA DA SAÚDE

Título	Ano	Área	Tipo de Estudo	Instrumentos	Outras Variáveis
As crenças de auto-eficácia e o seu papel na motivação do aluno.	2001	Educação	Teórico	_____	Motivação.
A auto-eficácia e os aspectos comportamentais de crianças com dificuldade de aprendizagem.	2000	Educação	Pesquisa Quantitativa	Roteiro de avaliação de auto-eficácia; Escala comportamental infantil A2 de Rutter; Teste de desempenho escolar.	Desempenho acadêmico; Aspectos comportamentais.
Considerações sobre a auto-eficácia docente.	2007	Educação	Teórico	_____	Valores; Crenças.
A auto-eficácia e a motivação para aprender: considerações para o desempenho escolar dos alunos.	2007	Educação	Teórico	_____	Motivação; Desempenho acadêmico.
Crenças de auto-eficácia matemática.	2007	Educação	Teórico	_____	Motivação; Desempenho acadêmico.
As crenças de auto-eficácia dos professores.	2004	Educação	Teórico	_____	Motivação; Desempenho acadêmico.
O senso de auto-eficácia e o comportamento orientado para aprendizagem em crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem.	2003	Educação	Pesquisa Quantitativa	Roteiro de avaliação do senso de auto-eficácia; Roteiro de observação clínica comportamental da criança.	Desempenho acadêmico; Aspectos comportamentais.
Crenças de auto-eficácia, autoconceito e desempenho em matemática.	2008	Educação	Pesquisa Quantitativa	Questionário de auto-eficácia matemática; Escala de autoconceito matemático; Prova de matemática.	Autoconceito; Desempenho acadêmico.
Eventos estressantes, estratégias de enfrentamento, auto-eficácia e sintomas depressivos entre idosos residentes na comunidade.	2008	Saúde	Pesquisa Quantitativa	Instrumento específico para mensurar a auto-eficácia; Inventário de eventos estressantes; Avaliação da intensidade de um evento de vida negativo; Inventário de enfrentamento da Califórnia.	Estresse; Estratégias de enfrentamento; Sintomas depressivos.
Meta-memória e auto-eficácia: um estudo de validação de instrumentos de pesquisa sobre memória e envelhecimento.	2005	Saúde	Pesquisa Quantitativa	Questionário de meta-memória; Questionário de auto-eficácia; tarefas de desempenho de memória episódica.	Memória.
Desenvolvimento de uma escala de auto-eficácia para adesão ao tratamento anti-retroviral.	2002	Saúde	Pesquisa Quantitativa	Instrumento específico para mensurar a auto-eficácia;	Agência pessoal.
Percepção de auto-eficácia e auto-relato de falhas de memória prospectiva e retrospectiva.	2006	Saúde	Pesquisa Quantitativa	Questionário sociodemográfico; Questionário de memória prospectiva e retrospectiva; Escala de auto-eficácia geral percebida.	Memória.
Auto-eficácia, memória e envelhecimento.	2004	Saúde	Teórico	_____	Envelhecimento; Memória; Autoconceito; e Agência pessoal.
O senso de auto-eficácia como mediador do envelhecimento bem-sucedido no âmbito da cognição, das competências para a vida diária e do autocuidado a saúde.	2007	Saúde	Teórico	_____	Envelhecimento; e Memória.
Estresse e auto-eficácia em mães de pessoas com autismo.	2007	Saúde	Pesquisa Quantitativa	Inventário de sintomas de estresse para adultos de Lipp; Escala de auto-eficácia.	Estresse.

TABELA 2 - PESQUISAS QUANTITATIVAS: AUTO-EFICÁCIA NO CONTEXTO ESCOLAR

Título	Ano	Área	Número de Participantes	Faixa Etária (média)	Instrumentos utilizados para mensurar a Auto-eficácia	Outras Variáveis	Principais Resultados
A auto-eficácia e os aspectos comportamentais de crianças com dificuldade de aprendizagem.	2000	Educação	52	8-12 anos.	Roteiro de avaliação de auto-eficácia.	Desempenho acadêmico; Aspectos comportamentais.	Crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem possuem crenças de auto-eficácia mais baixas do que as crianças com bom desempenho acadêmico.
O senso de auto-eficácia e o comportamento orientado para aprendizagem em crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem.	2003	Educação	52	8-12 anos.	Roteiro de avaliação do senso de auto-eficácia.	Desempenho acadêmico; Aspectos comportamentais.	Crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem possuem crenças de auto-eficácia mais baixas do que as crianças com bom desempenho acadêmico.
Crenças de auto-eficácia, autoconceito e desempenho em matemática.	2008	Educação	122	8-13 (média de 9,52 anos).	Questionário de auto-eficácia matemática.	Autoconceito; Desempenho acadêmico.	O desempenho dos alunos está positivamente relacionado à auto-eficácia Matemática.

TABELA 3 – PESQUISAS QUANTITATIVAS: AUTO-EFICÁCIA NA ÁREA DA SAÚDE

Título	Ano	Área	Número de Participantes	Faixa Etária (média)	Instrumentos utilizados para mensurar a Auto-eficácia	Outras Variáveis	Principais Resultados
Estresse e auto-eficácia em mães de pessoas com autismo.	2007	Saúde	30	30-56	Escala de auto-eficácia.	Estresse.	Dificuldades de comunicação e interação social de pessoas com autismo são os problemas que mais exercem impacto na auto-eficácia materna.
Eventos estressantes, estratégias de enfrentamento, auto-eficácia e sintomas depressivos entre idosos residentes na comunidade.	2008	Saúde	544	Média de 72,1 anos.	Construção de um instrumento específico.	Estresse.	Maior risco para depressão foi associado a emoções negativas, eventos incontroláveis, ter de 60 a 69 anos e avaliar a auto-eficácia como inadequada.
Meta-memória e auto-eficácia: um estudo de validação de instrumentos de pesquisa sobre memória e envelhecimento.	2005	Saúde	60 (33 jovens e 27 idosos).	Média de 27,2 anos (jovens) e 62,6 anos (idosos).	Questionário de Auto-eficácia (MSEQ).	Memória.	Os idosos revelaram auto-eficácia mais baixa do que os jovens, mas essa diferença não foi estatisticamente significativa. Por essa razão, mais estudos, com uma amostra maior, são necessários.
Percepção de auto-eficácia e auto-relato de falhas de memória prospectiva e retrospectiva.	2006	Saúde	642	16-81	Escala de auto-eficácia geral percebida.	Memória.	Grande vinculação entre as dimensões de auto-eficácia e a memória prospectiva.
Desenvolvimento de uma escala de auto-eficácia para adesão ao tratamento anti-retroviral.	2002	Saúde	93	19-67 (média de 36 anos).	Construção de um instrumento específico.	Agência pessoal.	A chance de adesão ao tratamento duplicou quando o indivíduo possuía um nível adequado de expectativas de auto-eficácia.